

NOVEMBRO/2018

IMPACTO DA OFERTA MUNDIAL DE AÇÚCAR SOBRE A PRODUÇÃO BRASILEIRA DE CANA-DE-AÇÚCAR

A Índia é o segundo maior produtor de cana-de-açúcar do mundo, ficando atrás apenas do Brasil, que desde 1980 lidera a produção. Em termos de produção de açúcar e etanol também ficamos à frente, porém nas últimas safras a Índia vem se destacando como produtora do adoçante e pode chegar a superar o Brasil neste próximo ciclo.

O clima tem colaborado para a alta produtividade indiana, com exceção desta última safra que teve um regime de chuvas abaixo do

esperado. O que também vem estimulando de maneira expressiva o aumento da produção de açúcar são os subsídios do governo indiano tanto para produção de cana-de-açúcar quanto para exportação do açúcar, ou seja, subsídios para produtores e para as usinas. Nas condições atuais, a Índia é o país que melhor remunera seus produtores, principalmente por conta destes subsídios. Na safra 2017/18 os produtores indianos receberam 66% a mais do que os produtores brasileiros pela tonelada de cana-de-açúcar produzida (Gráfico 1).

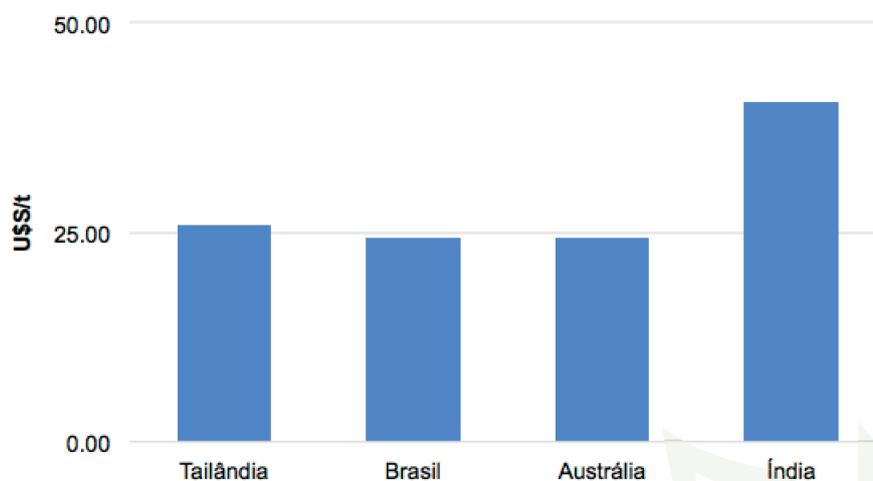


Gráfico 1. Comparativo do valor médio em dólares¹ pago ao produtor na safra 2017/18 por tonelada de cana-de-açúcar produzida. Preços incluem custos de colheita e transporte.

Fonte: Adaptado de ISMA (Indian Sugar Mills Association); Austrália – Queensland Sugar Ltd.; Tailândia – Office of Cane and Sugar Board; Brasil – CONSECANA; Índia – Indian Sugar Mills Association. Elaboração: Pecege/Esalq-USP/CNA.

¹ Taxa de câmbio considerada USD/INR de US\$0,014.

1

PARCEIROS



O projeto Campo Futuro é executado pela CNA em parceria com o SENAR e o Pecege/USP. Reprodução permitida desde que citada a fonte.

NOVEMBRO/2018

Este aumento na produção indiana de açúcar teve forte impacto na oferta mundial, provocando uma queda no preço da *commodity* em relação às duas últimas safras. Embora os países em desenvolvimento continuem aumentando gradativamente o consumo de açúcar, outros países estão consumindo menos adoçante em

uma tendência de preocupação com a saúde, o que fez a demanda global arrefecer. Com uma oferta cada vez maior e uma demanda que não cresce na mesma proporção, os estoques aumentaram, e o preço recuou no mercado internacional, refletindo nos preços recebidos pelas usinas brasileiras (Gráfico 2).

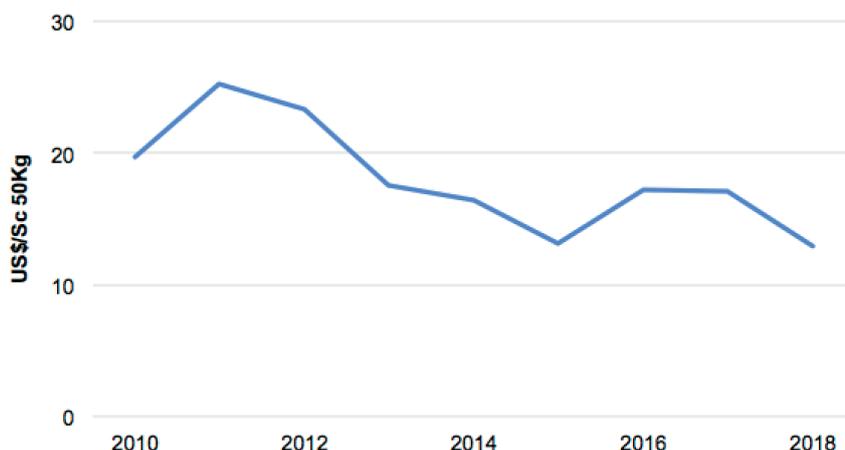


Gráfico 2. Indicador do preço nominal, em dólares por saca de 50 kg, do açúcar VHP.

Fonte: Cepea (2018). Elaboração: Pecege/Esalq-USP/CNA.

O real impacto dessa dinâmica de preços internos e externos é no preço do Consecana, valor recebido pelo produtor como pagamento pela matéria prima. O preço mais baixo do açúcar no mercado externo teve efeito negativo na remuneração do produtor, mas foi compensado, em parte, pela valorização do preço do etanol

no mercado interno, uma vez que, com a gasolina mais cara, a procura pelo biocombustível vem crescendo. Neste cenário o preço do Consecana vem se mantendo estável em relação a uma média histórica dos últimos oito anos, de R\$0,67, porém, mais baixo do que na safra 2016/17 e 2017/18 (Gráfico 3).

NOVEMBRO/2018

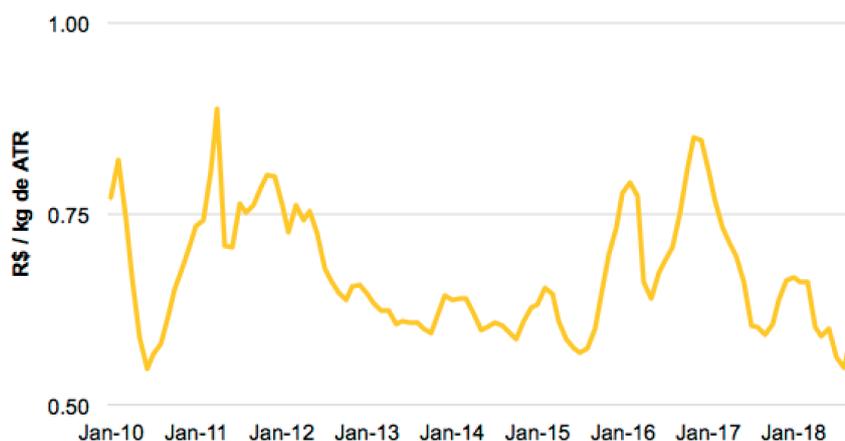


Gráfico 3. Série histórica de preços pagos ao produtor pela matéria prima (Consecana-SP).
*Os preços mostrados foram deflacionados pelo Índice IGP-DI, com mês base setembro de 2018.

Fonte: Consecana. Elaboração: Pecege/Esalq-USP/CNA.

Fica evidente que a política de subsídios do governo indiano à produção de cana-de-açúcar e açúcar refletiu nos preços da *commodity* nos mercados internacional e brasileiro. No mercado doméstico, o produtor está sendo impactado por um modelo

de remuneração defasado, o que sinaliza a necessidade de mudanças com vistas à sua manutenção na atividade canavieira e a consequente garantia de oferta da matéria-prima no médio e longo prazo para as agroindústrias (usinas).